



ANAIS

**X Seminário Internacional Práticas Religiosas no Mundo
Contemporâneo**

IX Colóquio Nacional Cultura e Poder

**VIII Seminário de Pesquisas do Laboratório de Estudos
sobre Religiões e Religiosidades**

V Simpósio Regional da ABHR/Sul

**Laboratório de
Estudos sobre Religiões e Religiosidades (LERR)**

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

2023

GT 3- Migrações e Religiões

**CRENÇAS, MIGRAÇÕES E AS POPULAÇÕES INDÍGENAS NA
(RE)OCUPAÇÃO DO NORTE DO PARANÁ**

Victor Hugo Oliveira Gomes (UEL-G)¹
Igor Henrique dos Santos (UEL-G)²

Resumo: Este trabalho é parte do projeto de pesquisa O Fenômeno Religioso em Londrina: história e historiografia (1930-1950), com recorte de estudo no grupo Kaingang, povo caracterizado, também, pelo forte movimento migratório, motivado por diferentes aspectos internos e externos ao grupo, espalhando-os de São Paulo ao Rio Grande do Sul e à Província de Misiones, na Argentina. Identificou-se trabalhos produzidos sobre as crenças e religiosidade Kaingang para aprofundar o conhecimento desses aspectos; contribuir para a nova história indígena na região; e compreender a relação, o impacto e as consequências na religiosidade e crença Kaingang ocasionados pela interação com os migrantes não indígenas. A partir de três principais autores: Michel de Certeau, Pierre Bourdieu e François Hartog, as fontes selecionadas foram catalogadas e analisadas para tentar responder uma questão central: que referência há nas produções acadêmicas ou memorialistas sobre a presença da população indígena na história de formação e desenvolvimento de Londrina, sobretudo em relação às suas crenças ou práticas religiosas? Os principais resultados parciais obtidos são: a importância de ampliar o entendimento do que seriam demonstrações religiosas, ou seja, aspectos “cotidianos” também podem fazer parte dessas demonstrações; o impacto da invasão do território indígena por migrantes nas crenças e religiosidade; e alguns elementos religiosos que resistem e marcam a identidade Kaingang diante da presença migratória

Palavras-Chaves: Kaingang. Crença. Londrina. Migrações

2

INTRODUÇÃO

Este trabalho faz parte do projeto de pesquisa O Fenômeno Religioso em Londrina: história e historiografia (1930-1950), que visa entender o contexto religioso de Londrina e região durante as duas primeiras décadas de fundação da cidade. As crenças indígenas, em especial a Kaingang, é uma das frentes de investigação do projeto.

Nesse contexto, este trabalho, até o momento, objetivou selecionar, catalogar e analisar fontes acadêmicas e memorialistas que, de alguma maneira, façam referências as questões relacionadas a população indígena no norte do Paraná e também às suas crenças e religiosidades. Foi criada uma espécie de banco de dados para agrupar essas fontes.

A análise se deu a partir de aspectos internos e externos das fontes, situando-as no seu devido tempo e lugar de produção, como proposto por Certeau (1982). Quanto à análise interna das fontes, foram considerados alguns procedimentos metodológicos propostos por François Hartog. Primeiro, o uso de prefácios ou textos de apresentação das obras selecionadas para seus estudos. Nesses preâmbulos, é possível observar as características principais, o campo de diálogo entre presente e passado que norteou, ou normatizou, a sua respectiva elaboração,

¹ Graduando em História (UEL). Participante do Projeto de Pesquisa O Fenômeno Religioso em Londrina: história e historiografia (1930-1950). E-mail de contato: victor.h.gomes@uel.br

² Graduado em História (UEL), especialista em Religiões e Religiosidades (UEL), graduando em Letras/Francês (UEL). Participante do Projeto de Pesquisa O Fenômeno Religioso em Londrina: história e historiografia (1930-1950). E-mail de contato: igor.henrique.santos@uel.br

além de questões como as fontes primárias utilizadas, a metodologia empregada, a fundamentação teórica, a justificativa e o quadro de referências adotado pelos autores. Sobre os textos memorialistas, alguns dos procedimentos se repetem: perceber as fontes e metodologia utilizadas, se ocorre um diálogo com outros autores, o lugar de produção destas obras, ou seja, se é de interesse institucional ou vinculado a algum setor ou espaço público, ou de iniciativa pessoal do respectivo(a) autor(a), além das motivações ou finalidades que levaram à produção do respectivo texto.

Ainda se tratando de aspectos teóricos/metodológicos, destaca-se etnólogos e historiadores que contribuíram enormemente para a historiografia dos kaingang do norte do Paraná, sendo eles: Wanda Hanke, que contribuiu enormemente para o estudo da gramática kaingang da Serra do Apucarana e da Serra do Chagú; Herbert Baldus, que foi um estudioso da cultura kaingang e do processo de “aculturação” sofrido por esse grupo. O estudo mais importante de Baldus foi sobre o culto dos mortos entre os kaingang de Palmas; Juracilda Veiga, uma antropóloga que recebe destaque por pesquisas sobre a cosmovisão Kaingang e o ritual do Kikikoi; Kimiye Tommasino, uma antropóloga que realizou estudos com os kaingang do norte do Paraná e sua territorialidade; Lucio Tadeu Mota, historiador que realiza estudos sobre a resistência kaingang e suas lutas no século XIX.

Ao trazer à tona estudos envolvendo este grupo étnico, a luz da historiografia proposta por estes autores mostrou uma lacuna que vem sendo preenchida deste o final do século XX. A própria Kimiye Tommasino, em sua tese de doutorado, cita que seu trabalho visa atender a “história vista por baixo”, dos esquecidos que estão à margem da elite.

CONTEXTOS MIGRATÓRIOS E RELIGIOSIDADE

Segundo estudos empreendidos por Tommasino (1995), o povo Jê fez sua distribuição geográfica em direção ao Sul do atual território do Brasil e cada movimento de migração foi caracterizado por um momento. Seja o contato com a frente de expansão nacional, que invadia os antigos territórios Kaingangs, seja por conflitos internos, cada movimento migratório possui como característica conflitos externos e cisões internas. De tal modo que - ainda segundo Tommasino - os Kaingang sempre buscaram a sua espacialidade em regiões de planalto. A situação de contato fez com que os indígenas buscassem “refúgio” no interior, isto é, em serras de difícil acesso para o homem branco. Tais regiões de relevo são lembradas pelos Kaingangs como o “monte Crinjimjimbé”, de onde acredita-se que foram criados para este mundo.

Percebe-se uma situação entre mito, migração e resistência.

Para Lucio Tadeu Mota (2000), não é possível especificar quando os Kaingang chegaram ao Sul e nem o verdadeiro motivo da sua separação com os Jê central. Mas para o historiador, a migração deste grupo para o Sul, muitos séculos antes dos europeus, é confirmada pela arqueologia. Para retomar a antropóloga supracitada Kimiye Tommasino, nos dias atuais, os Kaingang estão em busca de seu antigo território. Movem-se em busca da terra dos seus ancestrais. Diante desta busca, o espaço atual (Urí) busca incessantemente o espaço antigo (Wãxi), para dominarem o seu território e permanecerem como kaingangs.

O LIVRO KARÿM ÌNH KI KANHGÁG AG JYGRE KĀME

Além das contribuições acadêmicas, o livro “Karÿm ình ki Kanhgág ag jygre kâme” (Os Kaingang do Apucarantina e suas histórias) também foi selecionado e analisado. Publicado em 2021, essa fonte se destaca por ter sido organizada pelo Centro de Memórias e Cultura Kaingang (CMCK)³, que é integrado pelos Kaingang do Apucarantina. O Centro, criado em 2015, é definido por eles como o lugar onde guardam suas histórias através de “fotos, cerâmicas, tudo aquilo que vem do passado e é interessante para nós indígenas.” (CMCK, 2021, p. 13). Além do livro, o CMCK se notabiliza pelas produções audiovisuais, especialmente por seus curtas e longas-metragens⁴.

O livro, escrito em português e kaingang, é composto pela “memória dos Kaingang mais velhos”, que, ao longo de 2013 a 2018 foram gravadas, transcritas e traduzidas, resultando em 9 capítulos construídos com várias histórias que tratam de diferentes aspectos da realidade dos indígenas “no passado e no presente”. Repleto de imagens que se relacionam com cada uma das histórias que são narradas, a maioria dos relatos também indica quem contou e quem fez o registro. Outros três pesquisadores não-indígenas deram colaboração técnica.

Um dos aspectos que marcam as histórias são, certamente, suas crenças. Ainda que nem sempre seja o assunto principal da história contada, a partir de diferentes temas esse assunto recorrentemente aparece nas narrativas. Ainda, aspectos da migração também aparecem, mesmo que de maneira menos frequente, e mostram uma grande relação com o violento processo colonizador que os indígenas foram submetidos, perdendo seus territórios e sendo obrigados a se deslocarem para outros espaços, nesse caso, para a TI Apucarantina.

³ Site do Centro de Memória e Cultura Kaingang: <https://cmckaingang.blogspot.com/>

⁴ Grande parte desse material pode ser acessado na íntegra no site do CMCK e também no canal do Youtube: <https://www.youtube.com/@kaingangcmck4691>

O avanço colonizador, a migração, e a luta por território

Madalena Inh Prún Ra, contado sua história, lembra que quando criança morou na aldeia Toldo porém, após ter sua casa queimada, seus pais ficaram bravos e foram morar no rio Apucarana Grande, onde ela cresceu. Posteriormente, “o chefe dos índios nos chamou. Ele falou para os meus pais irem morar na aldeia Apucarantina.” (CMCK, 2021, p. 60).

Outra história, a de Maria Vagánh, uma kujá, que foi contada por seu neto, Armando Kóvig, mostra que sua avó chegou no Apucarantina com cinco anos de idade, vindo de Taquara, “uma aldeia indígena”, junto com seus pais.

Também, depois, os brancos começaram a matar os índios e a nos separar uns dos outros. Então começamos a subir no rio Tibagi. Ficamos com medo, naquele tempo. Quando a gente estava subindo no rio Tibagi, chegamos no Toldo, uma outra aldeia antiga, e ficamos bastante tempo lá. Foi no Toldo que Maria Vagánh cresceu, antes de se mudar para o Apucarantina. (CMCK, 2021, p. 128)

A partir dessas duas histórias podemos pensar o processo de colonização marcado por invasões e violências a que os indígenas e seus territórios foram submetidos. Ainda que as idades dos personagens que aparecem no livro não sejam informadas, dificultando a identificação do momento histórico em que essas narrativas se passaram, o Acordo de 1949, promovido pelo governo do estado do Paraná durante um processo de reestruturação dos territórios indígenas foi responsável por deslocar muitos indígenas no Paraná. Nessa ocasião os indígenas do Apucarantina perderam mais de 62.000 hectares (ha), e, somado a outras perdas durante os anos 1970 e 1980, a TI que tinha aproximadamente 68.000ha reservado aos indígenas em 1900, hoje tem em torno de 5.574ha. (NOVAK, 2018)

“Duras batalhas foram travadas para a conquista de cada metro de terra obtido pelos fazendeiros, pois os grupos indígenas atuaram enquanto sujeitos históricos, protagonistas na luta dos seus interesses, territórios e de sua liberdade.” (NOVAK, 2018, p. 281). Esse aspecto protagonista também aparece nas histórias do livro, através, por exemplo, da história escrita por Silas Nivyg, intitulada “A história da Serrinha, a retomada das nossas terras”, em que o autor conta o processo de luta pela retomada da Serrinha.

Então nós conversamos todos juntos, e a comunidade decidiu que ali na

Serrinha nós iríamos acampar, que lutaríamos para ter aquela terra de volta. Foram feitas várias reuniões. O grupo da Funai fez um estudo e provou que ali era mesmo território indígena. A retomada da Serrinha já foi aprovada, agora só falta esperar a liberação para a aldeia ser demarcada como Terra Indígena de novo. (CMCK, 2021, p. 27)

A questão territorial, além de obrigar com que os Kaingang migrassem para outros lugares, segundo D'Angelis e Veiga (1994), também produziu impacto sobre sua cosmovisão tradicional e suas crenças. Na medida em que eles se entendem como “povo guerreiro” e “senhor do seu território”, perder terras resultou em uma crise de identidade, com isso, “A religião dos brancos representou para o índio, nessa situação, a possibilidade de uma nova identidade, uma identidade comum à do próprio dominador.” (p. 102)

6

O aspecto religioso em suas histórias

Já na primeira história do livro, intitulado “A terra Indígena Apucaraninha”, também escrito por Silas Nivyg mas sem indicação de quem contou, em meio a uma rápida contextualização de como era a TI, o autor aponta que antigamente haviam muitas araucárias, e seu fruto era usado para fazer o *kiki*, “a bebida que usavam nos rituais em homenagem aos mortos.” (CMCK, 2021, p. 21).

Em alguns escritos acadêmicos, a relação dos indígenas com os mortos é bastante enfatizada. Wilmar R. D'Angelis e Juracilda Veiga (1994) classificam essa relação como o “centro da religião tradicional Kaingang”, assim como todo o temor com os espíritos dos mortos, e os rituais referentes ao luto. O *kikikoi*, cerimônia de culto aos mortos, que envolve o *kiki*, citado por Nivyg, é descrito como a cerimônia anual mais importante e grandiosa dos Kaingang (D'ANGELIS; VEIGA, 1994, p. 100).

A partir do relato de Nivyg, e de trabalhos antropológicos sabemos que a festa do *kikikoi* não é mais praticada no T.I Apucaraninha. Não obstante, mesmo tendo toda essa importância para as crenças Kaingang, segundo Veiga (1995), à época de sua pesquisa, das 24 áreas diferentes que os Kaingang estavam presentes, apenas na TI de Xapecó, Santa Catarina, o *kikikoi* era realizado com periodicidade. A forte discriminação sofrida pela sociedade regional, somado à influência de católicos e evangélicos para que práticas culturais tradicionais fossem repudiadas e abandonadas, acusando de serem práticas do “demônio”, no caso dos evangélicos, ou incentivando a substituição por outras práticas, no caso dos católicos, implicou no desprestígio da cerimônia.

Outro aspecto importante, relacionado a crença, que aparece nas histórias presentes no livro é em relação a figura do kujá, uma liderança espiritual, que por vezes também pode ser identificado como xamã, ou curandeiro, como fazem na descrição da imagem de Maria Vagáhn, presente no livro:

Figura 1 – “Maria Vagáhn, uma importante kujá (xamã, curandeira) da TI Apucarantina”



Fonte: CMCK (2021)

Três *kujás* são apresentados nominalmente. Duas tem suas histórias contadas, a kujá Maria Vagáhn (da foto e que já foi citada para falar sobre o aspecto migratório) e a kujá Conceição Ti Si Ranh, que tem como neto Tapixi, que é quem conta sua história a partir dos conselhos que a avó lhe deu ao longo da vida. E Antério, que não tem uma história específica no livro, mas tem uma foto com a legenda: “outro importante *kujá* antigo, e já falecido” (CMCK, 2021).

Não só a história deles, mas também a atuação dos *kujás* está presente no livro. Em “A importância das minas sagradas”, também contada por Tapixi, um exemplo “prático” é dado da atuação do kujá:

A mãe e o pai vão no kujá e falam assim: “Meu filho está doente”. Então o kujá vai fazer um tipo de exame. Só que o exame dele, ele faz quando ele dorme, no sonho. Ele corre o corpo do doente para fazer o exame. E no outro dia, o kujá se levanta e toma o *kyfé*, que é o café indígena, feito de milho. Depois ele vai e conta para a família qual é a doença, e ainda vai falar se tem cura ou não. O kujá pega um litro de vidro, e pede para a família trazer uma garrafa de água da mina sagrada. Os pais trazem a garrafa e ele faz um trabalho na água, dá para o doente beber e também dá um banho no doente. (CMCK, 2021)

papel do sonho no processo de identificar o problema, e a mina sagrada, que ajuda no processo de cura. Essas minas também são usadas para batismo, segundo Tapixi, que ressalta: “A gente chama de batismo, mas é diferente do batismo do não índio. A gente usa palavras diferentes.” (CMCK, 2021)

CONCLUSÃO

Este artigo, que é uma ramificação do projeto de pesquisa intitulado O Fenômeno Religioso em Londrina: história e historiografia (1930-1950), reflete sobre a necessidade de ampliar os estudos e entendimentos sobre a religiosidade kaingang no norte do Paraná. Baseando-se em diversos tipos de fontes, buscou-se uma revisão na bibliografia científica sobre o tema, assim como as produções memorialistas que foram produzidas pelos próprios kaingang da TI Apucarantina. Portanto, constata-se o impacto da invasão do território indígena por migrantes nas crenças e religiosidades, assim como é notório que elementos religiosos kaingang resistem e marcam a identidade kaingang diante da presença migratória.

REFERÊNCIAS

ADUM, Sonia Maria Sperandio Lopes. Historiografia Norte Paranaense: Alguns Apontamentos. In: ALEGRO, Regina Célia et al. (Orgs.). **Temas e questões para o ensino de história do Paraná**. Londrina: Eduel, 2008.

ALVES, Samira Ignácio; RAMOS, Igor Guedes. Índios: um silêncio ao Norte do Paraná In: ALEGRO, Regina Célia et al. (Orgs.). **Temas e questões para o ensino de história do Paraná**. Londrina: Eduel, 2013.

ALMEIDA, Ledson Kurtz de. **Análise antropológica das igrejas cristãs entre os Kaingang baseada na etnografia, na cosmologia e dualismo**. 2004. 278 p. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

ARIAS NETO, José Miguel. **O Eldorado: Londrina e o Norte do Paraná – 1930/1975**. 1993. Dissertação (Mestrado em História Social) Departamento de História do FFLCH da Universidade de São Paulo, São Paulo.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica de Arno Vogel. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CUNHA, Manuela Carneiro da. Introdução. **Revista de Antropologia**, São Paulo, n. 30, 31 e 32, p. 1-8, 1987/88/89.

D'ANGELIS, Wilmar R. & VEIGA, Juracilda. **Em que crêem os Kaingang?** religião, dominação e identidade. In: PREZIA, Benedito (et alii). **Kaingang: confronto cultural e identidade étnica**. 1994, pp. 99-109.

FERRARI, Odêmio Antonio. **A intersecção religiosa entre o povo Kaingang e o pentecostalismo na Terra Indígena Guarita**: apropriações e ressignificações. Orientador: Maria José Fontenelas Rosado Nunes. 2012. 435 p. Tese (Doutor em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2012

HARTOG, François. (org.). **A história de Homero a Santo Agostinho**. Belo Horizonte: Ed. Da UFMG, 2001, p.10 (trad. de Jacyntho Lins Brandão).

LEME, Edson José Holtz. **O teatro da memória**: o Museu Histórico de Londrina - 1959- 2000. 2013. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2013.

LUPION, Maria Regina de Oliveira. A práxis como estratégia de conversão protestante entre os povos indígenas de São Jerônimo da Serra, Estado do Paraná. *In*: ROMPATTO, Maurílio; GUILERME, Cássia Augusto; CRESTANI, Leandro de Araújo. **História do Paraná**: Migrações, políticas e relações interculturais na reocupação das regiões norte, noroeste e oeste do Estado. [S. l.: s. n.], 2016. cap. 13, p. 308-399.

MALERBA, Jurandir. Acadêmicos na berlinda ou como cada um escreve a História?: uma reflexão sobre o embate entre historiadores acadêmicos e não acadêmicos no Brasil à luz dos debates sobre Public History. **História da historiografia**, v. 0, p. 27-50, 2014.

MONTEIRO, Juliana da Silva. O discurso histórico como representação de uma ciência do sujeito: A operação historiográfica em Michel de Certeau. **Revista Educação e Fronteiras On-Line**, Dourados/MS, v.9, n.26, p.166-251, maio/ago. 2019.

MOTA, L.T. **As colônias indígenas no Paraná provincial**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2000.

MOTA, Lúcio Tadeu. **As guerras dos índios Kaingang**: a história épica dos índios Kaingang no Paraná (1769 - 1924). Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2008.

MOTA, Lúcio Tadeu; NOELLI, Francisco Silva; TOMMASINO, Kimiye (Org). **Urí e Wáxi**: estudos interdisciplinares dos Kaingang. Londrina: Ed. UEL, 2000.

NOVAK, É. da S. Os Kaingang e a reestruturação do Território Indígena Apucarana (PR) no século XX. **Revista Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, v. 11, p. 279-307, 2018.

PARELLADA, C.I. O Paraná espanhol: cidades e missões jesuíticas no Guairá. *In*: Secretaria de Estado da Cultura do Paraná (org.) **Missões**: conquistando almas e territórios. Curitiba: Imprensa Oficial, 2009, p.59-80.

PARELLADA, C.I. Sítio arqueológico Fazenda Santa Dalmácia: uma das fundações da Missão Jesuítica de San Joseph, Guairá, século XVII. **Boletim Museu Histórico de Londrina**, Londrina, v.4 n.8, 2013, p.8-12.

SANTOS, Maria Cristina dos. Caminhos historiográficos na construção da História Indígena. **História Unisinos**, [s. l.], v. 21, ed. 3, p. 337-350, 2017.

STOCKMANN, Jaime. **Os Kaingang no Paraná**: uma análise dos relatórios dos presidentes da província e da assembléia legislativa provincial. São Paulo: Dialética, 2021. 89 p.

TOMAZI, Nelson Dacio. **"Norte do Paraná" História e fantasmagorias**. Orientador: Carlos

Roberto Antunes dos Santos. 1997. 342 p. Tese (Doutor em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1997.

TOMMASINO, Kimiye. **A história dos kaingang da Bacia do Tibagi**: uma sociedade Jê meridional em movimento. 1995. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

VEIGA, J. **Organização social e cosmovisão Kaingang**: uma introdução ao parentesco, casamento e nomeação em uma sociedade Je meridional. 1994. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Unicamp, Campinas, SP

* * * * *